

O OURO DE CORRENTINA NO OESTE DA BAHIA.

Nascimento, R.Q¹; Janoni, C.R.J².

¹ Universidade Federal do Oeste da Bahia; ² Universidade Federal da Bahia.

RESUMO: No oeste da Bahia, o Cráton do São Francisco é exposto na “Janela Erosiva Correntina-Coribe” em seu setor setentrional. Estudos relacionados ao ouro em Correntina começaram em 1981 com mapeamento geológico e geoquímico na “janela erosiva Correntina-Coribe” visando basicamente a descoberta desta mineralização. O contexto geológico ao qual a “janela erosiva Correntina-Coribe” se insere é marcado pelo Complexo Correntina, de idade arqueana com composição gnáissico-migmatítico; o Paleoproterozóico é representado pela Formação Extrema correspondendo a uma pequena sequência metavulcanossedimentar composta por filitos, BIF's, metacherts e xistos, e pela Formação Correntina que corresponde uma suíte intrusiva cálcio-alcálica; o Neoproterozóico é representado pelo Grupo Bambuí, gerado em ambiente marinho com representação na área pela Formação Sete Lagoas, e o Grupo Urucuaia, de idade cretácea, sendo gerado em ambiente flúvio-eólico representado pela Formação Serra das Araras, além das coberturas recentes representadas por sedimentos colúvio-aluvionares. As mineralizações auríferas são hospedadas por veios de quartzo encaixados em fraturas originadas durante a tectônica Paleoproterozóica. Os veios presentes em tonalitos e rochas básicas-ultrabásicas são bordejados por zona de alteração hidrotermal rica em biotita e carbonato. O ouro ocorre em grãos de até 3mm na pirita que constitui o único sulfeto presente nos veios de quartzo auríferos. O ouro secundário se concentra nos aluviões dos principais rios da região de Correntina e historicamente são lavrados por garimpagem. As principais ocorrências se referem a Manga do Zó, Fazenda Manoel Mendes, Fazenda Tábua, Fazenda Brejinho, Fazenda Córrego Barreiro Vermelho, Serra da Extrema, Sete Ilhas e Mina São Rafael. Grãos de ouro em vênulas e veios de quartzo com direções predominantemente N20°-40°E/vertical encaixados em monzodioritos e biotita granitos, xisto e filitos da Formação Extrema e em xenólitos de rochas básicas/ultrabásicas. Os teores variam de 0,26-1,7-5,6 ppm (contido nos tonalitos). Existem pelo menos duas fases deformacionais que afetaram as rochas do complexo, uma compressiva, que gerou as zonas de cisalhamentos de idade Paleo a Mesoproterozóica, e outra distensiva, que gerou estruturas tipo blocos de falha que também afetou o Grupo Bambuí de idade Neoproterozóica. Em termos evolutivos, o Complexo Correntina é composto por rochas gnáissicas-migmatíticas geradas em ambiente de arcos de ilhas de idade arqueana. Nos estágios tafrogênicos iniciais do Paleoproterozóico, se deu a instalação de pequenas bacias sedimentares associadas a intensa atividade vulcânica responsáveis pela geração da Formação Extrema, posteriormente deformada na orogenia paleoproterozóica e seccionada pela Suíte Correntina, representando um típico ambiente de arco magmático na borda ocidental do Cráton do São Francisco. Sugere-se que as rochas supracrustais e plutônicas associadas sejam testemunhos de um arco magmático Paleoproterozoico na borda ocidental do Cráton São Francisco na Bahia onde as mineralizações auríferas associadas podem ser classificadas como do tipo Orogenic Gold.

PALAVRAS-CHAVE: OURO, CORRENTINA, OESTE DA BAHIA.